

ANÁLISE DISCURSIVA DO PROFETA AGEU: UMA VISÃO RETÓRICA A PARTIR DA ENUNCIÇÃO PROFÉTICA

Shara Lylian de Castro Lopesⁱ
João Benvindo de Mouraⁱⁱ

Resumo: Este trabalho analisa o discurso religioso à luz da Análise do Discurso, utilizando como *corpus* da pesquisa o livro do profeta Ageu, encontrado na Bíblia Sagrada, buscando entender, principalmente, as estratégias para composição do *ethos* utilizadas pelo enunciador na obra e a relação da retórica e da argumentação, segundo as teorias aristotélicas retomadas posteriormente por Perelman (2005 [1958]) e Amossy (2005), dentre outros, estabelecendo relação com os efeitos obtidos pelo discurso profético. Estudos desta natureza são necessários pela vastidão de implicações referentes ao discurso religioso na sociedade atual e a escassez de investigações existentes nesse campo. A pesquisa é bibliográfica e exploratória com embasamento teórico fundamentado principalmente numa análise argumentativa do discurso. Os resultados demonstram que a utilização de diversas categorias da Análise discursiva, como sujeito e *ethos*, e a influência do contexto sociopolítico como forte condição na produção dos discursos estudados se mostram na elaboração do discurso *constituente* profético.

Palavras-chave: Discurso. Ideologia. Sujeito. Argumentação.

Abstract: This paper examines the religious discourse based on the Discourse Analysis, using the book of the prophet Haggai, found at the Holy Bible, as its corpus. It intends to understand the strategies necessary for the construction of the *ethos* used by discursive enunciators in this work and the relationship between rhetoric and argumentation according to the theories of Aristotle revisited by Perelman (2005) and Amossy (2005) and by others later concerning the effects achieved through the establishment of a prophetic discourse. Studies like this are necessary because of the vastness of implications for the religious discourse in contemporary society and the lack of studies in this field. This research is an exploratory literature and the theoretical framework is based mainly on French studies. The results indicate that the use of various categories of discourse analysis, like subject and *ethos*, and the influence of the socio-political constituting strong condition in the production of the studied discourses are evident in formation of the prophetic constituent discourses.

Keywords: Speech. Ideology. Subject. Argumentation.

i Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí (IFPI), Brasil. E-mail: sharalylian@hotmail.com.

ii Docente da Universidade Federal do Piauí (UFPI), Brasil. E-mail: jbenvindo@ufpi.edu.br.

Introdução

Apesar de bastante discutida atualmente no ambiente acadêmico, a Análise do Discurso é um campo teórico recente entre as perspectivas linguísticas. Isso não significa, contudo, que discussões sobre o valor social, histórico, ideológico, psicológico, interdiscursivo e do próprio ouvinte nas ações verbais não tenha sido empreendido bem antes de a Análise do Discurso, doravante AD, tomar forma.

O referido campo de estudos termina por ganhar espaço nas pesquisas sobre a linguagem, principalmente quando associada aos fatores externos ao homem, ao individual, isto é, fatores de ordem social, coletiva, interativa e política tendo em vista a evidência da necessidade em se discutir o sujeito enunciador e tudo que o envolve bem como as consequências acarretadas pela influência dos tais fatores.

Maingueneau (2008a) propõe alguns conceitos dentre os quais os de *esferas do saber*, esferas estas determinadas a partir de características próprias e intrínsecas dos textos/discursos situados, em que podemos encontrar, por exemplo, o discurso religioso, o científico, o midiático, entre outros.

Neste sentido, o presente artigo busca discutir, dentro do discurso religioso, como se dá a construção da retórica de caráter profético exemplificada pelo discurso de Ageu, ou seja, como a entidade profética constrói a imagem de si em seu discurso com o fim de persuasão, movimento próprio de todo discurso, conforme pontuam os estudos mais recentes sobre esse tema, o que desemboca, por conseguinte, na análise da categoria do *ethos* profético.

Para tanto, é necessário que se estabeleça um esboço do caminho percorrido pela AD e do diálogo estabelecido nos últimos anos entre esta e a Retórica, a fim de compreender os efeitos de sentido decorrentes do uso da palavra e os instrumentais retóricos aos quais o falante recorre para alcançar os objetivos pretendidos com o discurso proferido.

Em segundo lugar, tenta-se reconhecer os conceitos fornecidos na sessão teórica nos excertos do *corpus* escolhido, o livro do profeta, com aprofundamento em algumas estratégias retórico-discursivas mais claramente recorrentes, para que se tornem mais visíveis as ideias propostas pelos teóricos visitados neste artigo.

1 Perspectiva Teórica

É inevitável o reconhecimento da AD como resultado de um fenômeno de ruptura, principalmente, pela sua proposta de ir de encontro ao tratamento que a Linguística dava a alguns aspectos da língua, como a Semântica e a Análise de conteúdo, em detrimento de outras, além da não observação ao caráter sociopolítico dela.

Nesse sentido:

A ruptura da AD com a análise de conteúdo se dá tanto pela crítica da leitura baseada em categorias temáticas quanto pela diferente abordagem do sentido: em lugar de seu tratamento como informação, a AD introduz a noção de efeito de sentido entre interlocutores (POSSENTI, 2004, p. 358).

A importância de categorias discursivas como sujeito, enunciação, interdiscurso, efeitos de sentido, ideologia, condições de produção, entre outras, que remetem principalmente aos conceitos da perspectiva interacionista, que é dada pela AD nos estudos sobre o discurso, torna-se a principal contribuição desse campo para a Linguística, com fortes contribuições de pensadores como Bakhtin (sobre dialogismo e ideologia) e o precursor Pêcheux (também sobre ideologia).

Os estudos sobre a questão ideológica e filosófica da língua ganharam força, principalmente no início do século passado, com o círculo de Bakhtin. Os pensadores interessavam-se pela teoria marxista sobre a ideologia e logo associaram ao principal instrumento de comunicação humana: a língua (gem).

Dessa forma, “tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um *signo*. Sem signos não existe ideologia,” (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 1997 [1929], p. 31, *grifos do autor*), pode-se estender o conceito para além do signo e levá-lo ao discurso, tendo em vista o inexorável caráter ideológico de todo e qualquer discurso.

Não obstante, o foco deste trabalho é principalmente o estudo de uma dessas categorias discursivas, a saber, o *ethos* (um dos três componentes da tríade da Retórica, sugerida pelos gregos sofistas e filósofos, como Aristóteles, juntamente com o *pathos* e o *logos*), sendo impossível o não-diálogo dele com as demais durante o texto, tendo em vista o caráter argumentativo-cognitivo mais restrito ao *logos*, bem como a ordem emocional relativa ao público/auditório mais interligada ao *pathos*.

Sobre o *ethos*, temos vários conceitos ideológicos e de postura importantes envolvidos, tais como a credibilidade, máximas de educação, modéstia, sinceridade, enfim, fatores que cooperam para a aceitabilidade ou não do discurso, visto envolverem a integridade discursiva e retórica que envolve a benevolência, a sinceridade e a razão prática ‘ideais’ ao orador, segundo Eggs (2005).

A integridade é outro fator latente no estudo da retórica, tendo em vista que “quanto mais grave for a violação de uma regra argumentativa, e quanto maior a intencionalidade dessa violação, maior será nossa tendência em qualificar uma argumentação como não-íntegra” (EGGS, 2005. p. 51).

É notável, na análise do referido autor a respeito dos estudos de Christmann, Shreier e Groeben, a relação direta entre a integridade do outro e o grau de violação de uma regra argumentativa, como a violação da conclusividade ou o deslocamento de responsabilidades¹, por exemplo.

A noção de *ethos* tem origem na cultura grega e aparece teorizada na filosofia de Platão e nos fragmentos de textos que temos dos sofistas, além dos pensadores que estão nos primórdios da filosofia grega. É com Aristóteles, no entanto, que essa noção ganha notoriedade, passando a constituir um dos pilares da sua retórica. Assim:

[...] o *ethos* é, como pretendia Aristóteles, a imagem de si construída no discurso ou, como entendiam os romanos, um dado pré-existente que se apoia na autoridade individual e institucional do orador (a reputação de sua família, seu estatuto social, o que se sabe do seu modo de vida etc.) (AMOSSY, 2005a, p. 17)

Ao descrever a noção de *ethos*, Amossy (2005b) postula o termo *ethos prévio* ou *pré-discursivo* que, por sua vez, reúne todas as características não dadas explicitamente no discurso, isto é, um estereótipo já formado e por vezes divergente do *ethos discursivo*, que influencia em demasia o efeito deste sobre o auditório, seja para o convencimento ou não.

À época do desenvolvimento da sociocognição como mais um celeiro fértil e promissor de estudos linguísticos, em oposição aos estudos cognitivos clássicos, já se propunha a discussão acerca da importância de se compreender a arte e a desenvoltura verbais, como bem aponta Koch e Cunha-Lima (2004), e como elas se construíam pela participação de diferentes

¹ Ver padrões analisados por Eggs (2005, p. 50-51).

entidades na composição da cena enunciativa e o estabelecimento do direito de fala a partir de sinais corporais aliados a convenções sociais.

Neste sentido, revela-se o reconhecimento por parte dos linguistas contemporâneos em empreender estudos voltados para a compreensão do fazer discursivo a partir da composição do próprio sujeito enunciador.

Somada à relevância do empreendimento de uma discussão acerca da composição da imagem de si no discurso, temos as técnicas de argumentação, apontadas pelo *Tratado da Argumentação* de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005 [1958]) em que os autores propõem um estudo das técnicas argumentativas utilizadas consciente ou inconscientemente para a aceitação por parte do auditório da ideia principal do discurso, por assim dizer.

Neste sentido, os autores sugerem ser todo e qualquer discurso produzido com o intuito de convencer, conseguindo, portanto, a adesão dos espíritos, isto é, demonstração de capacidade de convencimento e persuasão, segundo eles mesmos intitulam. Entretanto, para além da necessidade de provas e demonstrações que requer o campo da argumentação, esta acontece também sustentada na necessidade de fazer, de negociar aceitando ou rejeitando, conforme pontua Plantin (2008).

O autor sugere a recorrência à argumentação quando da insuficiência das hipóteses, das leis e da instabilidade das crenças, ficando claro que o processo argumentativo possui um prazo de validade bem diferente da ausência de limites temporal que ocorre, por exemplo, com a razão científica ou filosófica. É esta diferença entre a argumentação e as práticas de raciocínio científico, postulada ainda na Grécia antiga, que subsidiará os estudos de Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005 [1958]) acerca da “argumentação na língua”.

No âmbito dessa discussão, os estudos sobre argumentação mais atuais são feitos a partir, entre outras coisas, de tipologias de argumentos na tentativa de tornar o assunto mais didático e compreensível quanto possível. Dessa forma, vários autores postulam tipos, partindo da lista feita por Aristóteles, como Locke, ao apresentar uma tipologia normativa que identifica quatro espécies de argumentos: argumentos de autoridade, argumentos sobre a ignorância, contradições de uma pessoa consigo mesma e argumento de fundo, conforme demonstra Plantin (2008).

As pesquisas em torno do proposto pela AD são, portanto, terreno fértil de trabalho ao sugerir a análise da categoria *ethos*, no instante em que esta acaba por contribuir para o entendimento de outros fenômenos, tais como os efeitos de sentido a partir da argumentação e a produção destes fenômenos.

2 Sobre o discurso religioso e a análise do corpus

Os discursos religiosos, ao lado dos filosóficos e literários, são apresentados por Maingueneau e Charaudeau (2012), no *Dicionário de Análise do Discurso*, como parte de uma categoria chamada de discursos constituintes. Estes, por sua vez, são identificados principalmente pelo caráter invariável de olhar o mundo, bem como a rigidez em relação aos outros tipos discursivos.

Durante as análises feitas sobre o livro do profeta Ageu, é possível verificar o tal caráter “constituente”, no dizer de Maingueneau (2008a), representado pelos discursos proféticos, uma vez dada a preponderância da injunção nesses discursos, como se pode notar no excerto a seguir:

Ora, pois, assim diz o Senhor dos Exércitos: *Considerai os vossos caminhos. Semeais muito, e recolheis pouco; comeis, porém não vos fartais; bebeis, porém não vos saciais; vestis-vos, porém ninguém se aquece; e o que recebe salário, recebe-o num saco furado. Assim diz o Senhor dos Exércitos: Considerai os vossos caminhos.* (BÍBLIA, Ageu, 1: 5-7, grifo nosso)

Constatado o caráter constituinte mencionado acima, a proposta do trabalho é, pois, entender como se dá a construção do *ethos* discursivo do profeta Ageu, o qual é resultado também dessa utilização constante das formas verbais injuntivas para se referir ao alocutário, neste caso, o povo hebreu, bem como de outras tantas técnicas de argumentação das quais tentaremos citar e analisar algumas.

Vale, no entanto, fazer um breve apanhado do contexto social da época para situar o texto. Ageu levanta-se como profeta (patente religiosa instituída por Deus) sobre Israel, período em que Zorobabel era sumo sacerdote (patente religiosa autorizada pelo povo), à época do cativo persa. A palavra trazida por Ageu teria, segundo seu livro profético bíblico, a intenção de retomar a reconstrução do templo de Israel que significava mais que uma construção física, seria a reconstrução identitária daquele povo. Desse modo, Ageu divide sua enunciação em duas partes bem definidas: a primeira é de exortação e a segunda é de ânimo e recompensa pelo retorno ao trabalho na casa de Deus.

Dito isso, percebe-se nas análises seguintes que o discurso religioso pode ser visto na perspectiva retórica, isto é, como um processo discursivo no qual os locutores assumem traços particulares e funções que podem ser divergentes quando tomadas sob critérios diferenciados, como o estético e ideológico. A figura de Deus é um exemplo disso, pois se apresenta com instintos de criador, como onipotente e providente, aquele que tem o controle da história, interferindo no passado e no presente e revelando-se como uma entidade independente do narrador.

Deus faz um uso apenas limitado da retórica do discurso, pois exerce sua influência menos pelas palavras do que pelos atos e, se as utiliza, é como substitutas ou preliminares: performativos, previsões, ordens, reprimendas [...] O narrador, ao contrário, opera apenas com palavras e escolhe tecê-las como uma rede em vez de usá-las como um cetro: ele persuade, enquanto Deus ordena (STERNBERG, 2005, p. 191).

Nota-se, assim, que o discurso do locutor, narrador bíblico, oferece mais elementos para uma análise da construção de seu *ethos*, visto sua forte intencionalidade retórica. Ainda assim, ao observar o discurso profético, é possível perceber a maior proximidade com o próprio fazer “discursivo” divino, principalmente no tocante ao caráter claramente ordinário e impositivo.

É fundamental entender que, além deste recurso injuntivo, característico na constituição de uma imagem prototípica do profeta, muitos outros fatores corroboram para a construção desse *ethos*, a exemplo do *ethos* prévio. Note-se como o enunciador do texto introduz suas enunciações², como no exemplo que segue:

Ora, pois, esforça-te, Zorobabel, diz o Senhor, e esforça-te, Josué, filho de Jozadaque, sumo sacerdote, e esforça-te, todo o povo da terra, diz o Senhor, e trabalhai; porque eu sou convosco, diz o Senhor dos Exércitos. (BÍBLIA, Ageu, 2: 4, grifo nosso)

Vê-se que, em uma só sentença de sua enunciação, o locutor enfatiza a informação de que aquele discurso não é dele, mas sim de outro enunciador, neste caso, com mais autoridade sobre o auditório e, portanto, digno de maior atenção ao que está sendo dito. Esta é, pois, a principal característica que identifica o discurso profético, isto é, validar o seu discurso pela menção à autoria divina.

² Ver o texto completo em Anexo no final deste trabalho.

A constituição do *ethos* pré-discursivo de profeta ocorre pela forma dita: o sujeito enuncia “em nome de Deus” e deixa isso claro por meio de inúmeras repetições no próprio discurso. Desse modo, o profeta acaba buscando auxílio nesse *ethos* pré-construído visto que se apoia em uma imagem positiva e verdadeira do enunciador, ao contrário de outro tipo de *ethos* prévio que, por remeter a uma imagem negativa do locutor, necessita ser desconstruído no ato discursivo. Há que salientar ainda fatores físicos da oralização, tais como a entonação forte no pronunciamento, que implicitamente indica poder.

Somado a esse recurso, há o próprio fator da interdiscursividade, que se mostra inexorável para a eficácia do efeito pretendido no caso de discurso profético. Isto é, ao enunciar, inevitavelmente, o profeta precisa recorrer a outros discursos da mesma esfera, mas já mais consolidados, a fim de que sua palavra se revista de autoridade e seja aceita pelo auditório.

É possível constatar no excerto a seguir, referente ao livro de Ageu 2:5, esta recorrência: “Segundo a palavra da aliança que fiz convosco, quando saístes do Egito, o meu Espírito permanece no meio de vós; não temais”. Nele, o enunciador recorre ao discurso feito em outro exílio hebreu, o egípcio, no momento em que o profeta Moisés recebe a palavra divina de aliança e a profere ao povo.

Assim, pode-se vislumbrar o conceito de diálogo em Bakhtin/Volochinov (1997 [1929]), visto a enunciação só poder ser realizada, segundo o autor, numa interação verbal que acontece nas mais diversas esferas possíveis de atos de fala, inclusive um livro, como faz Ageu ao dialogar com os livros já escritos.

Retomando a discussão acerca das técnicas argumentativas, já propostas por Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005 [1958]), tem-se um conceito retomado da *Dialética* de Aristóteles para as novas teorias da argumentação intitulado *topos*. Este faz referência a um esquema argumentativo que tem por referência agentes impessoais e situações genéricas que norteiam, de forma abstrata, os entimemas³ correspondentes, isto é, os contra-argumentos possíveis.

O *topos* referido é melhor explicitado no trecho abaixo:

³A argumentação pelo *entimema*, estudada por Aristóteles na *Retórica*, espelha-se no *silogismo dialético*, processo mental abordado pelo filósofo nos *Tópicos*, e que se caracteriza pela instauração de uma operação lógica de *dedução*. O *entimema* caracteriza-se como um argumento no qual uma ou mais proposições estão subentendidas.

A palavra *topos* é tomada de empréstimo à língua grega e corresponde ao latim *locus communis*, de onde provém o português *lugar comum*. Fundamentalmente, um *topos* é (a) um elemento de uma tópica, sendo uma tópica uma heurística, uma arte de coletar as informações e de fazer emergir argumentos; (b) por especificação de (a), um esquema discursivo característico de um tipo de argumento (PLANTIN, 2008, p. 53, *grifos do autor*).

Essa noção de lugar comum pode ser vista como estereótipo pela semântica, devido a seu caráter de princípio geral, comum e aceito pela coletividade, conforme postula Plantin (2008). Em alinhamento aos conceitos anteriores, pode-se constatar a utilização do “argumento do desperdício” – aquele que incita o sujeito a continuar a ação começada até obter o êxito final – sendo o mesmo utilizado pelo profeta Ageu para persuadir seu auditório a retomar as obras da reconstrução do templo divino, como mostra o excerto:

Assim diz o Senhor dos Exércitos: Considerai os vossos caminhos. Subi ao monte, e trazei madeira, e edificai a casa; e dela me agradarei, e serei glorificado, diz o Senhor. Esperastes o muito, mas eis que veio a ser pouco; e esse pouco, quando o trouxestes para casa, eu dissipei com um sopro. Por que causa? disse o Senhor dos Exércitos. Por causa da minha casa, que está deserta, enquanto cada um de vós corre à sua própria casa. Por isso retém os céus sobre vós o orvalho, e a terra detém os seus frutos (BÍBLIA, Ageu, 1: 7-10).

Nesse excerto, o enunciador faz a remissão do discurso a Deus, recorre ao *hiperenunciador*⁴, e, então, enumera os passos para a reconstrução do templo. Em seguida, ele faz questionamentos acerca da escassez da colheita que acontecia entre o povo e, por fim, ele mesmo responde que a causa desse problema é ter deixado o empreendimento do templo divino de lado para cuidarem de sua própria casa.

É possível perceber que o enunciador usa o recurso do desperdício para fazer entender que a construção coletiva (a casa divina) deve ser concluída, a fim de que as outras necessidades, as individuais, sejam supridas logo a seguir.

Ligado a esse tipo de argumento, o profeta ainda recorre a outro, com preponderância durante o segundo capítulo de seu livro. Essa técnica de persuasão diz respeito à pergunta argumentativa que, em nosso caso, se mostra bastante instrumentalizada como recurso para a produção discursiva,

4 De acordo com Maingueneau (2008b), o *hiperenunciador* é um enunciador idealizado, responsável por uma memória; é instância produzida pelo enunciador, que a “ocupa” em função de seu contexto sociocultural. O autor destaca que, no *tesauro* (corpo de enunciados compartilhados por uma comunidade discursiva) cristão, “o *hiperenunciador* é ao mesmo tempo locutor (a Bíblia é inspirada por Deus), mas Deus é também um dos locutores” (Maingueneau, 2008b, p. 102).

retomando em última instância a noção de argumentação dialogada com início na dialética antiga.

Essa noção de pergunta argumentativa se originou com a teoria da argumentação, segundo as observações da interação no âmbito judiciário, em que a pergunta é deduzida pela natureza da réplica, conforme pontua Plantin (2008).

Não obstante essa compreensão, no discurso religioso de teor profético, é bastante recorrente a presença de perguntas ditas retóricas ou, por assim dizer, perguntas argumentativas, que por mais sutis e desinteressadas que pareçam, sempre contêm uma carga de intencionalidade que visa obter a adesão do outro.

Dessa forma, tomando excertos de nosso *corpus*, podemos pontuar as motivações da existência de tais perguntas no meio do discurso proferido. Como exemplo, podem ser encontradas as seguintes indagações na enunciação do profeta abaixo:

Porventura é para vós tempo de habitardes nas vossas casas forradas, enquanto esta casa fica deserta? [...]

Quem há entre vós que, tendo ficado, viu esta casa na sua primeira glória? E como a vedes agora? Não é esta como nada diante dos vossos olhos, comparada com aquela? (BÍBLIA, Ageu, 1: 4; 2: 3).

No primeiro excerto, o profeta indaga sobre a displicência do povo hebreu acerca do investimento em suas próprias residências em detrimento da reconstrução de templo que, no instante da enunciação, está parado. Pode-se perceber que a utilização da pergunta não é feita de forma inocente, muito menos convencional, isto é, com o intuito de obter resposta. Pelo contrário, a pergunta se faz muito mais com a intenção de que o auditório reflita sobre a postura que está tomando, no caso em questão é de desleixo, e lembre o seu principal objetivo, que é reconstruir a casa do seu Deus.

Nesse ponto, a pergunta feita pelo profeta se assemelha a perguntas realizadas por autoridades quando estão discursando contra uma má-postura tomada por subalternos, evidenciando, desse modo, a relação entre a formação dos discursos de diferentes esferas/âmbitos, isto é, o constante e inevitável diálogo entre os discursos disponíveis para o enunciador.

Considerações finais

A pesquisa expôs, de forma bastante sucinta, a análise da composição do *ethos* discursivo religioso do tipo profético para ilustrar os diferentes recursos retóricos, com destaque para os mais recorrentes, utilizados para alcançar o objetivo do enunciador em questão que era, à época, convencer o povo hebreu a retomar a construção do templo do seu deus.

Evidenciou-se que os instrumentais retóricos são bastante utilizados nesse tipo discursivo, porém foi dada maior ênfase à pergunta retórica e à recorrência ao auxílio do hiperenunciador, não obstante outros elementos serem discutidos, tais como o diálogo entre os discursos e a remissão constante, ainda que indireta, aos discursos religiosos proféticos bíblicos com maior solidez e aceitabilidade.

O maior objetivo, entretanto, foi despertar no leitor do texto o desejo em empreender mais pesquisas que apliquem a análise discursiva em textos religiosos, a exemplo dos proféticos, em função de seu caráter deveras influente na sociedade brasileira atual, com a emergência e expansão das denominações religiosas, que possibilita a formação de opiniões em todos os estratos da comunidade.

Desse modo, é possível produzir pesquisas tanto sobre os textos proféticos antigos, que são atualmente documentos, quanto trabalhar com os enunciadores contemporâneos, que ao utilizar a alcunha, e porque não o *ethos* pré-construído, de profeta, permitem compreender quais estratégias se dão para a conquista de tantos adeptos às suas enunciações.

Referências

AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005a. p. 9-28.

_____. O *ethos* na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005b. p. 119-144.

BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV, Valentin). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michel Laudh e Yara Frateschi Vieira. 8.ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997 [1929].

LOPES, Shara Lylian de Castro; MOURA, João Benvido de. Análise discursiva do profeta Ageu: uma visão retórica a partir da enunciação profética. *EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 6, p. 185-199, jun.2014.

BÍBLIA, Ageu. Português. **A Bíblia Sagrada**: Antigo e Novo Testamento. Trad. João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília. Sociedade Bíblia do Brasil. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.com.br/acf/ag/1>>. Acesso em: 03 mai. 2013. Ageu 1, vers. 1-15 e Ageu 2, vers. 1-23.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coord. Trad. Fabiana Komesu. 3.ed. São Paulo: Contexto, 2012.

EGGS, Ekkehard. *Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna*. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005. p. 29-56.

KOCH, Ingedore Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. V. 3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 251-300.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008a.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola, 2008b.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [1958].

PLANTIN, Christian. **A argumentação**. Trad. Marcos Marcionillo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

POSSENTI, Sírio. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. V. 3. São Paulo: Cortez, 2004. p. 353-391.

STERNBERG, Meir. O jogo das perspectivas na narrativa bíblica: o narrador e Deus. In: AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005. p. 185-194.

Anexo - Livro de Ageu

Ageu 1

1 No segundo ano do rei Dario, no sexto mês, no primeiro dia do mês, veio a palavra do SENHOR, por intermédio do profeta Ageu, a Zorobabel, filho de Sealtiel, governador de Judá, e a Josué, filho de Jozadaque, o sumo sacerdote, dizendo:

2 Assim fala o Senhor dos Exércitos, dizendo: Este povo diz: Não veio ainda o tempo, o tempo em que a casa do Senhor deve ser edificada.

3 Veio, pois, a palavra do Senhor, por intermédio do profeta Ageu, dizendo:

4 Porventura é para vós tempo de habitardes nas vossas casas forradas, enquanto esta casa fica deserta?

5 Ora, pois, assim diz o Senhor dos Exércitos: Considerai os vossos caminhos.

6 Semeais muito, e recolheis pouco; comeis, porém não vos fartais; bebeis, porém não vos saciais; vestis-vos, porém ninguém se aquece; e o que recebe salário, recebe-o num saco furado.

7 Assim diz o Senhor dos Exércitos: Considerai os vossos caminhos.

8 Subi ao monte, e trazei madeira, e edificaí a casa; e dela me agradarei, e serei glorificado, diz o Senhor.

9 Esperastes o muito, mas eis que veio a ser pouco; e esse pouco, quando o trouxestes para casa, eu dissipei com um sopro. Por que causa? disse o Senhor dos Exércitos. Por causa da minha casa, que está deserta, enquanto cada um de vós corre à sua própria casa.

10 Por isso retém os céus sobre vós o orvalho, e a terra detém os seus frutos.

11 E mandei vir a seca sobre a terra, e sobre os montes, e sobre o trigo, e sobre o mosto, e sobre o azeite, e sobre o que a terra produz; como também sobre os homens, e sobre o gado, e sobre todo o trabalho das mãos.

12 Então Zorobabel, filho de Sealtiel, e Josué, filho de Jozadaque, sumo sacerdote, e todo o restante do povo obedeceram à voz do Senhor seu Deus, e às palavras do profeta Ageu, assim como o Senhor seu Deus o enviara; e temeu o povo diante do Senhor.

13 Então Ageu, o mensageiro do Senhor, falou ao povo conforme a mensagem do Senhor, dizendo: Eu sou convosco, diz o Senhor.

14 E o Senhor suscitou o espírito de Zorobabel, filho de Sealtiel, governador de Judá, e o espírito de Josué, filho de Jozadaque, sumo sacerdote, e o espírito

de todo o restante do povo, e eles vieram, e fizeram a obra na casa do Senhor dos Exércitos, seu Deus,

15 Ao vigésimo quarto dia do sexto mês, no segundo ano do rei Dario.

Ageu 2

1 No sétimo mês, ao vigésimo primeiro dia do mês, veio a palavra do SENHOR por intermédio do profeta Ageu, dizendo:

2 Fala agora a Zorobabel, filho de Sealtiel, governador de Judá, e a Josué, filho de Jozadaque, sumo sacerdote, e ao restante do povo, dizendo:

3 Quem há entre vós que, tendo ficado, viu esta casa na sua primeira glória? E como a vedes agora? Não é esta como nada diante dos vossos olhos, comparada com aquela?

4 Ora, pois, esforça-te, Zorobabel, diz o Senhor, e esforça-te, Josué, filho de Jozadaque, sumo sacerdote, e esforça-te, todo o povo da terra, diz o Senhor, e trabalhai; porque eu sou convosco, diz o Senhor dos Exércitos.

5 Segundo a palavra da aliança que fiz convosco, quando saístes do Egito, o meu Espírito permanece no meio de vós; não temais.

6 Porque assim diz o Senhor dos Exércitos: Ainda uma vez, daqui a pouco, farei tremer os céus e a terra, o mar e a terra seca;

7 E farei tremer todas as nações, e virão coisas preciosas de todas as nações, e encherei esta casa de glória, diz o Senhor dos Exércitos.

8 Minha é a prata, e meu é o ouro, disse o Senhor dos Exércitos.

9 A glória desta última casa será maior do que a da primeira, diz o Senhor dos Exércitos, e neste lugar darei a paz, diz o Senhor dos Exércitos.

10 Ao vigésimo quarto dia do mês nono, no segundo ano de Dario, veio a palavra do Senhor por intermédio do profeta Ageu, dizendo:

11 Assim diz o Senhor dos Exércitos: Pergunta agora aos sacerdotes, acerca da lei, dizendo:

12 Se alguém leva carne santa na orla das suas vestes, e com ela tocar no pão, ou no guisado, ou no vinho, ou no azeite, ou em outro qualquer mantimento, porventura ficará isto santificado? E os sacerdotes responderam: Não.

13 E disse Ageu: Se alguém que for contaminado pelo contato com o corpo morto, tocar nalguma destas coisas, ficará ela imunda? E os sacerdotes responderam, dizendo: Ficaré imunda.

14 Então respondeu Ageu, dizendo: Assim é este povo, e assim é esta nação diante de mim, diz o Senhor; e assim é toda a obra das suas mãos; e tudo o que ali oferecem imundo é.

15 Agora, pois, eu vos rogo, considerai isto, desde este dia em diante, antes que se lançasse pedra sobre pedra no templo do Senhor,

16 Antes que sucedessem estas coisas, vinha alguém a um montão de grão, de vinte medidas, e havia somente dez; quando vinha ao lagar para tirar cinquenta, havia somente vinte.

17 Feri-vos com queimadura, e com ferrugem, e com saraiva, em toda a obra das vossas mãos, e não houve entre vós quem voltasse para mim, diz o Senhor.

18 Considerai, pois, vos rogo, desde este dia em diante; desde o vigésimo quarto dia do mês nono, desde o dia em que se fundou o templo do Senhor, considerai essas coisas.

19 Porventura há ainda semente no celeiro? Além disso a videira, a figueira, a romeira, a oliveira, não têm dado os seus frutos; mas desde este dia vos abençoarei.

20 E veio a palavra do Senhor segunda vez a Ageu, aos vinte e quatro dias do mês, dizendo:

21 Fala a Zorobabel, governador de Judá, dizendo: Farei tremer os céus e a terra;

22 E transtornarei o trono dos reinos, e destruirei a força dos reinos dos gentios; e transtornarei os carros e os que neles andam; e os cavalos e os seus cavaleiros cairão, cada um pela espada do seu irmão.

23 Naquele dia, diz o Senhor dos Exércitos, tomar-te-ei, ó Zorobabel, servo meu, filho de Sealtiel, diz o Senhor, e far-te-ei como um anel de selar; porque te escolhi, diz o Senhor dos Exércitos.